

III SEMINA

**III Semana de Egptologia
do
Museu Nacional/
UFRJ**

CADERNO DE RESUMOS



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

LABORATÓRIO DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU
NACIONAL/UFRJ - SESHAT

III SEMNA

**III Semana de Egiptologia
do
Museu Nacional/
UFRJ**

30 a 04 de Dezembro de 2015

<http://www.seshat.com.br/semna/>

Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional - SESHAT



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

É com muita satisfação que saudamos todos os participantes deste evento!

A SEMNA – Semana de Egiptologia do Museu Nacional é uma atividade promovida pelo Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional/UFRJ – Seshat, com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ e Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ, cuja primeira edição foi em 2013.

Semna era a designação, na Antiguidade, da fortaleza construída pelo faraó Senusret I, que governou entre c. 1965-1920 a. C., na Núbia. Tal como uma fortificação, nosso evento busca lançar bases sólidas na integração e divulgação da Egiptologia no Brasil.

Nosso primeiro objetivo é reunir pesquisadores da Egiptologia em diversas áreas de atuação em um ambiente propício ao debate e à cooperação acadêmica. A SEMNA também tem como proposta divulgar o conhecimento sobre o Egito Antigo ao grande público. Dessa forma, é possível aproximar a comunidade acadêmica daqueles interessados na civilização egípcia, garantindo a seriedade e a qualidade dos trabalhos apresentados.

A Comissão Organizadora.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



COORDENADOR GERAL:

Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr.

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Raizza Teixeira dos Santos

Leticia Gomes

Rennan de Souza Lemos

Thais Rocha da Silva

Cintia Gama-Rolland

André Luís Silva Effgen

APOIO

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - UFRJ

CADERNO DE RESUMOS

Edição: Raizza Teixeira dos Santos



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



PARTICIPANTES

André Luís Silva Effgen – Seshat- Museu Nacional/UFRJ

Antonio Brancaglione Jr - Curador da Coleção Egípcia; Coordenador do Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional – Seshat

Carolina Vellozo - USP

Cintia Gama-Rolland - École pratique des hautes études, Sorbonne – França; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Cintia Prates Facuri – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Claude Traunecker – Université de Strasbourg

Claudia Rodrigues-Carvalho - Diretora do Museu Nacional/UFRJ

Daniele Liberato - PPGARTES/UERJ

Elisa Neira Cordero - Universidad de Buenos Aires

Evelyn Azevedo - Instituto de Artes/ UERJ

Fábio Frizzo - UFF

Felipe Silva Carmo - USP

Gabriela Lovecky - Universidad de Buenos Aires

Gisela Chapot - Seshat, Museu Nacional/UFRJ

José Antonio Novaes - UFPB/PPGE/NEABI

Julián Alejo Sánchez - Arqueología - MN/UFRJ; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Karine Lima da Costa – UFSC

Laure Pantalacci – Université Lyon 2

Liliana M. Manzi - Universidad de Buenos Aires

Lorena Mendonça Aleixo Baltazar - Universidade Salgado de Oliveira

Luisa Faria – Museu Nacional/UFRJ

Luiza Osório Guimarães da Silva - Brown University

Marcia Severina Vasques - PPGH-UFRN/ SESHAT-UFRJ/LARP-USP

Marcio Luiz Ramos D'Albuquerque - Universidade Salgado de Oliveira

Maria Laura Iamarino - Universidad de Buenos Aires

Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional - SESHAT



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

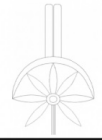


Seshat
Laboratório de Egiptologia

Maria Thereza David João – LAOP/USP; NIEP-Marx-PréK/UFF
Maria Victoria Nicora - Universidad de Buenos Aires
Maria Violeta Carniel - Universidad de Buenos Aires
María Violeta Pereyra - Universidad de Buenos Aires
Marialaura di Giovanni - Universidad de Buenos Aires
Mariano Bonanno - Universidad Nacional de la Plata - Instituto de Historia Antigua Oriental
Abraham Rosenvasser (Universidad de Buenos Aires)
Marlon Barcelos Ferreira - SEEDUC
Miguel Attie Filho - USP
Nely Feitoza Arrais – UFRRJ
Oliva Menozzi - Università degli Studi “G. d’Annunzio” di Chieti e Pescara
Patricia Cardoso Azoubel Zulli – FFLCH/USP
Pedro Luiz Diniz von Seehausen - Seshat- Museu Nacional/UFRJ
Raphael da Silva Simeão Lellis - Universidade Salgado de Oliveira
Raquel Paula Maia Alves - Universidade Salgado de Oliveira
Rennan de Souza Lemos - Seshat- Museu Nacional/UFRJ
Silvana Catania - Universidad Nacional de Tucumán
Silvia Reis – Museu Nacional/UFRJ
Thais Rocha da Silva – Universidade de Oxford; Seshat, Museu Nacional/UFRJ
Victor Bittar – Museu Nacional/UFRJ
Victoria Arroyo - USP



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

SEMANA DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL UFRJ

PROGRAMAÇÃO

Segunda-feira - 30/11/2015

Credenciamento: (09h00 às 09h30min): Entrada do Auditório da Biblioteca do Museu Nacional

Cerimônia de Abertura: (09h30 às 11h30min): Auditório da Biblioteca do Museu Nacional

Abertura:

Prof.^a Dr.^a Claudia Rodrigues-Carvalho - Diretora do Museu Nacional/UFRJ

Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr - Curador da Coleção Egípcia; Coordenador do Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional – Seshat

Mesa de Debates – 01 (13h00 às 15h00): Literatura e documentação privada no Egito

As inscrições autobiográficas funerárias: documentação privada e discurso público

Prof.^a Dr.^a Nely Feitoza Arrais – UFRRJ

Elementos disruptores no conto “O Rei Kéops e os Magos” – Uma análise estrutural

Patricia Cardoso Azoubel Zulli – FFLCH/USP



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Colocando as pessoas no seu lugar: gênero e espaço doméstico no Egito antigo

Thais Rocha da Silva – Universidade de Oxford; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Conferência – 01 (15h30min às 17h30min): ¿Porqué lo representaron? El espacio y su evocación iconográfica en el antiguo Egipto

Prof^a Dr^a María Violeta Pereyra - Universidad de Buenos Aires

Terça-feira – 01/12/2015

Mesa de Debates – 02: (09h30min às 11h30min): Família e sociedade no Egito antigo

Arte e Simbolismo: Uma Análise da Iconografia das Filhas de Akhenaton Durante o Período Amarniano (1353 – 1335 a.C.)

Gisela Chapot - Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Sennefer e Amenemope: o parentesco e seus laços simbólicos na topografia funerária

Julián Alejo Sánchez - Arqueologia - MN/UFRJ; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

La familia y su memoria

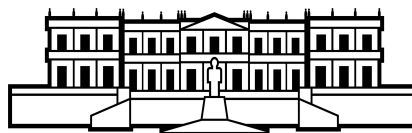
Prof^a Dr^a María Violeta Pereyra - Universidad de Buenos Aires

O parentesco como lógica estatal no Egito do Reino Antigo

Prof^a Dr^a. Maria Thereza David João – LAOP/USP; NIEP-Marx-Prék/UFF



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



MUSEU NACIONAL
UFRJ



Seshat
Laboratório de Egiptologia

Mesa de Debates – 03: (13h00 às 15h00): Paisagem e cultura material na necrópole tebana

Uma discussão acerca da descoberta dos shabtis reais do Novo Império

Cintia Gama-Rolland - École pratique des hautes études, Sorbonne – França; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Lo explícito, lo insinuado y lo oculto en el paisaje tebano

Prof.^a Dr.^a Liliana M. Manzi - Universidad de Buenos Aires

Conferência - 02: (15h30min às 17h30min):

Prof.^a Dr.^a Claude Traunecker – Université de Strasbourg

Quarta-feira – 02/12/2015

Mesa de Debates – 04: (09h30min às 11h30min): Bioarqueologia egípcia

Condições de Vida e saúde no Egito Antigo, algumas reflexões.

Prof.^a Dr.^a Claudia Rodrigues-Carvalho - Diretora do Museu Nacional/UFRJ

Por Debaixo dos Panos: Revelando a Múmia Romana

Victor Bittar – Museu Nacional/UFRJ

O Egito Antigo através de outros olhos: os estudos bioarqueológicos

Luisa Faria – Museu Nacional/UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Pesquisa e divulgação científica em abordagens multidisciplinares: a múmia romana do Museu Nacional

Silvia Reis – Museu Nacional/UFRJ

Conferência - 03: (15h30min às 17h30min):

Profª Drª Laure Pantalacci – Université Lyon 2

Quinta-feira – 03/12/2015

Comunicação Oral: (09h30min às 11h30min): Sala à confirmar

Acerca de la Htmj.t como espacio caótico en el “orden” de la Duat

Profº Drº Mariano Bonanno - Universidad Nacional de la Plata - Instituto de Historia Antigua Oriental Abraham Rosenvasser (Universidad de Buenos Aires)

Aspectos relativos à saúde e a mumificação no Antigo Egito apresentados em um curso de extensão universitária

José Antonio Novaes - UFPB/PPGE/NEABI

O pretenso “monoteísmo” atoniano: os meandros da religião instituída pelo faraó Akhenaton em uma análise historiográfica e de contexto para o Egito faraônico da XVIII dinastia

Marcio Luiz Ramos D’Albuquerque - Universidade Salgado de Oliveira

Repatriação de bens culturais egípcios

Karine Lima da Costa – UFSC

Uma Visão Crítica sobre as Leituras Tradicionais da Egiptologia acerca do Estado Faraônico

Fábio Frizzo - UFF



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

El nacimiento del sol: elevación y recepción

Silvana Catania - Universidad Nacional de Tucumán

O modelo iconográfico da estatuária egípcia faraônica ajoelhada em posição de oferenda

Daniele Liberato - PPGARTES/UERJ

A Estatuária Divina Egípcia em Bronze: Análise Iconográfica

Cintia Prates Facuri – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Mesa de Debates – 05: (14h00 às 16h00): Egito romano e copta

As concepções artísticas sobre o Egito e a Grécia na Roma Antiga: “”””a recepção dos modelos helenísticos na Villa Adriana

Profª Drª Evelyne Azevedo - Instituto de Artes/ UERJ

Território, espaço e poder no Egito Romano: o Médio Egito e as cidades de Antinoópolis e Hermópolis Magna

Profª Drª Marcia Severina Vasques - PPGH-UFRN/ SESHAT-UFRJ/LARP-USP

A instrução egípcia como *topos* ideológico

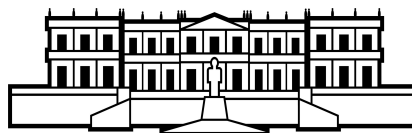
Felipe Silva Carmo - USP

Conferência - 04: (15h30min às 17h30min):

Prof. Dr. Miguel Attie Filho



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



MUSEU NACIONAL
UFRJ



Seshat
Laboratório de Egiptologia

Sexta-feira – 04/12/2015

Visitação e Apresentação dos Pôsteres: (09h30min às 11h30min): Hall da Biblioteca do Horto

El protocolo real y proyecto político. El obelisco de Estambul de Thutmose III

Elisa Neira Cordero - Universidad de Buenos Aires

Territorio, apropiación y poder en la dinastía XII

Gabirela Lovecky - Universidad de Buenos Aires

La fundación de Akhetatón: ¿ruptura o corolario?

Maria Laura Iamarino - Universidad de Buenos Aires

The price of gold and loyalty: parallels and disparities in the role of royal women of the Late Bronze Age

Luiza Osorio Guimarães da Silva - Brown University

Arqueologia e ensino: as pirâmides nos livros didáticos

Marlon Barcelos Ferreira - SEEDUC

The history of the Theban necropolis at Neferhotep's courtyard: excavating TT 362 and TT 187 – el-Khokha, Luxor

Antonio Brancaglion Jr. - Curador da Coleção Egípcia; Coordenador do Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional – Seshat

M. Violeta Carniel - Universidad de Buenos Aires

Maria Violeta Pereyra - Universidad de Buenos Aires

Marialaura di Giovanni - Universidad de Buenos Aires



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Oliva Menozzi - Università degli Studi “G. d’Annunzio” di Chieti e Pescara

Pedro Luiz Diniz von Seehausen - Seshat- Museu Nacional/UFRJ

Rennan de Souza Lemos - Seshat- Museu Nacional/UFRJ

Os amuletos funerários do antigo Egito no acervo do MAE-USP

Victoria Arroyo - USP

La especificidad del retrato: un estudio comparativo

Liliana Manzi - Universidad de Buenos Aires

M. Victoria Nicora - Universidad de Buenos Aires

O reinado do faraó Akhenaton e a reforma amarniana: as divergências com o clero de Amon no Alto e no Baixo Egito

Raphael da Silva Simeão Lellis - Universidade Salgado de Oliveira

Morte e vida no antigo Egito: a construção do imaginário de um mundo para as almas dos mortos e seus suportes – o livro dos mortos como estudo de caso

Lorena Mendonça Aleixo Baltazar - Universidade Salgado de Oliveira

Medicina e magia no Egito antigo

Raquel Paula Maia Alves - Universidade Salgado de Oliveira

Mesa de Debates – 06: (13h00 às 15h00): Egito romano e copta

Do âmbito solar até o mundo dos mortos: O colar shebyu e a solarização do mundo dos mortos na reforma de Amarna.

André Luís Silva Effgen – Seshat- Museu Nacional/UFRJ

A imagem agente, o deus e faraó em Amarna

Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional - SESHAT



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Carolina Velloza - USP



MUSEU NACIONAL
UFRJ



Seshat
Laboratório de Egiptologia

Cerimônia de Encerramento: (15h30min às 17h30min):

Conferência - 05: O estado atual da egiptologia

Prof.^a Dr.^a Laure Pantalacci – Université de Lyon 2

Entrega dos certificados aos participantes



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

SEMANA DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL

UFRJ

RESUMOS

Segunda-feira - 30/11/2015

¿Porqué lo representaron? El espacio y su evocación iconográfica en el antiguo Egipto

Prof^a Dr^a María Violeta Pereyra - Universidad de Buenos Aires

La representación de paisajes y estructuras arquitectónicas está atestiguada en la decoración parietal de diversos templos y tumbas del Reino Nuevo.

La distribución de las escenas que los incluyen en su composición y su articulación con otros motivos iconográficos en el espacio de representación de cada monumento orienta la decodificación de su significado y su interpretación adquiere un más preciso sentido en la medida que su análisis lo toma como parte del conjunto que integra. Así, la presencia de representaciones de ‘paisajes’ y construcciones registrados en los monumentos da cuenta de una diversidad de formas de apropiación del espacio y puede ser considerada como recurso expresivo de prácticas sociales propias de la elite. Ese abordaje integrado, que se revela necesario para acceder a los contenidos no evidentes del programa decorativo de cada monumento, es expuesto en una serie de casos correspondientes a ciudades reales que actuaron como centros ceremoniales.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

As inscrições autobiográficas funerárias: documentação privada e discurso público

Prof^a Dr^a Nely Feitoza Arrais – UFRRJ

Os antigos egípcios deixaram-nos um legado documental de base funerária de grande peso para o conhecimento de sua sociedade. Dado a escassez de fontes específicas do âmbito privado, a maior parte de nossas informações sobre a vida dos egípcios fora do círculo oficial são provenientes de seus túmulos.

Ao decorar as paredes de seus túmulos com pinturas que representavam o cotidiano idealizado, os antigos egípcios nos proporcionaram informações valiosas sobre sua sociedade, uma vez que podemos interpretá-las como um reflexo das características do próprio Egito. Assim, as iconografias tumulares e seus escritos fornecem inúmeras informações valiosas para nós.

As autobiografias egípcias encontradas nos túmulos desde o Reino Antigo, constituem-se como fontes de informação privilegiadas sobre a estrutura econômico-social do Antigo Egito. A presente comunicação pretende levantar as possibilidades do uso destas fontes no conhecimento histórico desta sociedade bem como apresentar aspectos teóricos importantes que baseiam o uso das informações de cunho biográfico na reconstrução histórica.

Elementos disruptores no conto “O Rei Kéops e os Magos” – Uma análise estrutural

Patricia Cardoso Azoubel Zulli – FFLCH-USP

Existem numerosos documentos escritos acessíveis para o estudo do Egito antigo. Contudo, aqueles chamados de literários, apesar de já serem conhecidos desde o início da egiptologia, durante muitos anos, foram usados apenas como ilustrações ou exemplos para outros tipos de estudos egiptológicos. Recentemente estes textos passaram a ser o objeto principal de estudos com teorias e metodologias diversas, como é o caso dos estudos atuais da autora deste trabalho.

Nesta apresentação, serão expostos os resultados iniciais do estudo do conto egípcio O rei Kéops e os Magos a partir de uma análise estruturalista baseada nos trabalhos de Tzvetan Todorov. O foco principal da análise foi apontar os elementos disruptores da narrativa, ou seja, aqueles personagens que geram o desequilíbrio da história e fazem a mesma se desenvolver.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

Colocando as pessoas no seu lugar: gênero e espaço doméstico no Egito antigo

Thais Rocha da Silva – Universidade de Oxford; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Apesar de família, mulheres, e a vida cotidiana terem sido foco de pesquisa no Egito antigo, as definições mais específicas de privacidade, com base em categorias egípcias não são identificadas como temas principais. Os estudos de gênero no Egito antigo geralmente se concentram nas mulheres e em "tópicos de mulheres" estereotipados nos valores ocidentais - como a maternidade, sexualidade, casamento, casa, com raras exceções. A casa, em uma definição genérica, passou a figurar como o local das mulheres, mas ignora-se de que maneira o espaço pode ser engendered. Em termos de como as pessoas viveram e se relacionaram entre si, o gênero pode ser útil como referencial teórico e, portanto, não entendido simplesmente como construção cultural do sexo. Assim, investigar noções sobre o espaço doméstico e privacidade pode oferecer novas categorias para a análise das relações de gênero no Egito. Pretendo apontar alguns desses problemas nessa fase inicial da pesquisa.

Terça-feira - 01/12/2015

Uma discussão acerca da descoberta dos shabtis reais do Novo Império

Cintia Gama-Rolland - École pratique des hautes études, Sorbonne – França; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Nessa apresentação, teremos como objetivo tratar das raras informações existentes sobre a descoberta de shabtis reais do Novo Império; os quais estão, atualmente, espalhados em diversos museus e coleções particulares.

Abordaremos questões tais como locais de depósito, deslocamento, reutilização, existência ou não de shabtis extra-sepulcrais dentro da necrópole e ainda a posição desses nas tumbas e seus receptáculos, para que possamos tentar reconstituir, na medida do possível o contexto arqueológico de depósito dessas estatuetas.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Arte e Simbolismo: Uma Análise da Iconografia das Filhas de Akhenaton Durante o Período Amarniano (1353 – 1335 a.C.)

Gisela Chapot - Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Ao longo de todo período faraônico, a figura do rei do Egito foi retratada na iconografia de forma destacada dentre os demais seres humanos no intuito de refletir a natureza divina daquele que descendia diretamente do demiurgo criador do universo, colocado na terra para garantir a manutenção da ordem, tanto cósmica, quanto social, através de sua atuação diária no culto aos deuses. Por isso mesmo, o monarca é facilmente reconhecido por seu tamanho maior, por coroas variadas, paramentos e vestes específicos, bem como gestos e ações característicos os quais visavam expressar uma ideologia monárquica na qual o faraó, além de divino, era um grande campeão, invencível, dono, por direito, inclusive, dos países estrangeiros. Durante o reinado do faraó Akhenato, as filhas do rei ganharam destaque na iconografia régia acompanhando o monarca e sua mãe, a rainha Nefertíti, em todos contextos os quais a família real foi representada desempenhando ações conjuntas sob os raios do Aton. Fosse no âmbito templário, funerário, doméstico ou de exposições públicas, as princesas amarnianas cumpriram funções divinas cruciais dentro de um esquema teológico que visava exacerbar o culto em vida da família real amarniana.

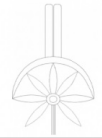
Sennefer e Amenemope: o parentesco e seus laços simbólicos na topografia funerária

Julián Alejo Sánchez - Arqueologia - MN/UFRJ; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

O príncipe de Tebas e chefe do graneiro do país, Sennefer, e o vizir, Amenemope, chamado de Pairi, foram peças chave no jogo econômico e político durante o reinado do Amenhotep II. O vínculo fraternal se ressalta em seus túmulos em Sheikh Abd el Gurna onde cada um menciona o outro com grande exaltação. Existem representações de Sennefer e sua mulher nos túmulos de Amenemope (TT29) e de seu pai, Ahmose-Humay (TT224). Da mesma maneira, Amenemope aparece representado no túmulo de Sennefer (TT96), localizado a poucos metros um do outro. O presente artigo discute a importância dos laços simbólicos de parentesco dentro de uma geração de membros muito destacados da elite e sua correspondência na topografia funerária. Veremos que



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

Amenemope, com suas duas tumbas (uma em Sheikh Abd el Gurna e outra no Vale dos Reis, KV48), chega a ter uma proximidade topográfica funerária tanto com o seu "irmão" Sennefer como com o seu rei. Algo similar acontece com Sennefer e Senetnay (sua esposa e ama de leite do rei) que tiveram seu espaço no túmulo TT96, mas foram aparentemente enterrados no Vale dos Reis (KV42). O parentesco, seja por sangue ou não, outorga uma unidade do grupo político, presente no discurso funerário e na lógica do além, como também na localização dos túmulos.

Lo explícito, lo insinuado y lo oculto en el paisaje tebano

Prof.^a Dr.^a Liliana M. Manzi - Universidad de Buenos Aires

La necrópolis tebana presenta evidencia de ocupación humana como lugar de culto funerario desde en Reino Antiguo, pero fue en el Reino Nuevo cuando se registra la mayor intensidad constructiva.

A partir del registro del uso reiterado (ca. 4300 años) de un mismo sector del paisaje y de las perturbaciones ocurridas, luego de su abandono hasta el presente, se pretende reconocer algunos criterios organizadores involucrados en el ordenamiento territorial que subyace al palimpsesto que se observa actualmente en el agregado de estructuras arquitectónicas.

Se propone sistematizar la información reconociendo unidades geomorfológicas y factores de localización en las estrategias de uso del espacio, para: a) identificar los sustentos discursivos que contribuyeron a explicitar un relato simbólico e ideológico materializado en la distribución de construcciones, b) explorar las intencionalidades insinuadas por los lugares de emplazamiento y sus relaciones de proximidad, y c) avanzar en cuestiones subyacentes que se vinculan con lo oculto, en cuanto intención de oponer un territorio ordenado frente al caos, sustentado en mitos y creencias religiosas.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



O parentesco como lógica estatal no Egito do Reino Antigo

Prof^a Dr^a. Maria Thereza David João – LAOP/USP; NIEP-Marx-PréK/UFF

Com o intuito de melhor detalhar a organicidade das relações que ligavam Estado e elites locais no Egito durante a V^a e VI^a dinastias, realizaremos ao longo deste trabalho uma análise dedicada a averiguar de que forma o Estado incorporava as famílias locais à sua lógica com o intuito de ampliar a fiscalidade e o controle dos recursos sociais e econômicos existentes nas províncias. Tendo em mente que o Estado é fruto de relações sociais constituídas historicamente e que essas relações englobam tanto o conjunto de aparatos institucionais jurídicos e administrativos quanto o conjunto de relações políticas mais amplas, determinadas pela produção e organização dos indivíduos junto a ela, este estudo parte, em primeiro lugar, de uma reflexão teórica que pretende renovar a corrente percepção acerca do que é o Estado na Egiptologia. Isso significa compreender que critérios como competência e racionalidade, caros à administração dos Estados Modernos, não podem ser usados como parâmetro para o estudo de sociedades como a egípcia, nas quais relações pessoais e informais exerciam papel muito mais significativo que normas rigidamente estabelecidas e oriundas de um « poder central ». É necessário partir, portanto, para a análise de outros fatores intrínsecos à lógica estatal se quisermos compreendê-la na sua integralidade, abraçando o campo das relações sociais envolvidas nessa dinâmica para não correremos o risco de autonomizar o Estado e suas instituições e analisá-lo longe de sua base social. Nesse sentido, este trabalho pretende demonstrar que tão importante quanto a integração formal das elites provinciais ao aparato estatal o era também sua incorporação através da lógica de parentesco. Casamentos entre membros da família real e de importantes famílias locais eram um astuto expediente utilizado dentro da lógica de constituição de alianças, necessárias à construção do Estado e à ampliação do grupo dominante. Cumpriremos nosso objetivo através da análise de autobiografias pertencentes a indivíduos membros de importantes famílias locais, analisando como a lógica de parentesco era submetida à lógica estatal ao ser usada como mecanismo que intuía garantir a perpetuação da hegemonia de certos setores da elite no poder.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



La familia y su memoria

Prof.^a Dr.^a María Violeta Pereyra - Universidad de Buenos Aires

Desde mediados de la dinastía 18 en los sucesivos reinados los monumentos funerarios de la elite tebana documentan un desarrollo que implicó cambios notables en su diseño arquitectónico y programa decorativo. Después del período amarniano y la restauración política y religiosa de Tebas, las innovaciones dan cuenta de la proyección del proceso político y social sobre las creencias funerarias conservadas en la necrópolis, a la vez que hacen visible el empoderamiento de sus propietarios.

La construcción de la memoria en el registro epigráfico hace referencia a formas de interacción con la realeza, a la legitimación de alianzas sociales, a donaciones, a ofrendas a los dioses, aprovisionamiento del banquete y recompensa real cuyos beneficiarios son los funcionarios. En conjunto, todas estas prácticas sociales pueden considerarse testimonios que, integrados a la gramática de los monumentos funerarios de la elite, permiten reconstruir estrategias políticas y sociales puestas en práctica a lo largo de la dinastía y que remiten a sus miembros como parte de un grupo, más que como individuo aislados.

Nos proponemos identificar los vínculos familiares documentados, que dan cuenta de una concepción de la sociedad dinamizada por el parentesco.

Quarta-feira – 02/12/2015

Condições de Vida e saúde no Egito Antigo, algumas reflexões

Prof.^a Dr.^a Claudia Rodrigues-Carvalho - Diretora do Museu Nacional/UFRJ

Os estudos biológicos em remanescentes humanos egípcios possuem uma considerável trajetória histórica acompanhando as transformações teóricas e metodológicas ao longo do tempo. Estudos de caso e investigações diversificadas vêm produzindo um conjunto cumulativo de conhecimentos sobre doenças, traumas, alimentação, atividades físicas, estatura, dentre outros temas afins. No presente trabalho apresentamos uma visão geral sobre o desenvolvimento dessas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



investigações e discutimos as possibilidades (e questões) envolvidas na construção de sínteses sobre as condições de vida e saúde no Egito Antigo.

O Egito Antigo através de outros olhos: os estudos bioarqueológicos

Luisa Faria – Museu Nacional/UFRJ

O Egito possui um grande potencial para o desenvolvimento da pesquisa de material biológico antigo, seu clima quente e seco é favorável à conservação desse tipo de material. Desde o século XIX, múmias são objeto de estudo de análise óssea, o que ainda contribuiu com o desenvolvimento da Antropologia Biológica e Paleopatologia naquele momento. Contudo, este tipo de abordagem pode ter sido encoberta pela grande quantidade de trabalhos que utilizam outros tipos de fonte, também abundantes, como textos, imagens ou objetos. Após o advento da Bioarqueologia, o interesse pelo estudo de material biológico egípcio antigo tem aumentado consideravelmente. Quem são os pesquisadores envolvidos, quais são as técnicas utilizadas, os tipos de pesquisa predominantes na área, assim como as tendências seguidas são algumas questões levantadas pelo presente trabalho.

Pesquisa e divulgação científica em abordagens multidisciplinares: a múmia romana do Museu Nacional

Silvia Reis – Museu Nacional/UFRJ

No campo da Antropologia Biológica, o material estudado é biológico, mas as questões são sociais. Assim, lidamos cotidianamente com temáticas que exigem uma perspectiva dinâmica, a qual é alimentada por parcerias e pelo trabalho em equipe multidisciplinar. Destarte, o processo atual de análise da tomografia computadorizada da múmia romana, sob a guarda do Museu Nacional, conta com uma equipe multidisciplinar trabalhando em diversas frentes, da contextualização ao tratamento e análise das imagens. No mesmo viés, trabalha-se ainda com uma dupla perspectiva, produzindo não só conhecimento científico como, desde o princípio, indagando de que forma dialogar com a exposição e a sociedade, preparando material para divulgação



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



científica. Dessa forma, a divulgação científica não tratará somente dos resultados da pesquisa, mas sim buscamos apresentar os processos de trabalho, a lida da investigação e o que torna a pesquisa científica tão interessante para além dos resultados.

Por Debaixo dos Panos: Revelando a Múmia Romana

Victor Bittar – Museu Nacional/UFRJ

O Museu Nacional da UFRJ possui a maior coleção egípcia da América Latina, e apesar deste acervo conter diversas múmias, a chamada Sha-Amun-en-Su ganhou mais destaque e veio sendo sistematicamente pesquisada, sobre diferentes os mais diferentes olhares. Assim, as demais ainda encontram-se pouco trabalhadas, principalmente em uma perspectiva bioantropológica. Dentre estas existe a chamada “Múmia Romana”, exemplar que possui um processo de embalsamamento um tanto peculiar, na qual destaca-se o uso de bandagens de forma não comum e enchimentos que destacam as características físicas de um indivíduo do sexo feminino. Apesar de já estar fora do caixão, esta múmia está íntegra, escondendo o que se encontra por debaixo das bandagens e ornamentos. O presente estudo baseou-se em análises de imagens, obtidas através de Tomografia Computadorizada, dos remanescentes que compõe a “Múmia Romana”. Este método segue uma linha de pesquisa desenvolvida no Laboratório de Antropologia Biológica, em parceria com outros setores do Museu e outras instituições, que já foi aplicado em outros itens da coleção Egípcia (como a própria Sha-Amun-en-Su). Nesta abordagem utilizamos técnicas voltadas para remanescentes em situação especial (como em blocos de sedimentos, dentro de caixões, enrolados etc), onde temos como a grande vantagem da preservação do exemplar físico, já que “desenrolamos” múmias virtualmente, e fazemos todas as manipulações em modelos 3D, podendo ao mesmo tempo descobrir mais sobre esta múmia sem realizar alterações permanentes nela.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Quinta-feira – 03/12/2015

A Estatuária Divina Egípcia em Bronze: Análise Iconográfica

Cintia Prates Facuri – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

As estatuetas votivas em bronze estão presentes na maioria das coleções egípcias nos museus e coleções particulares em todo o mundo. No século XIX e início do XX era de interesse dos museus expor uma grande quantidade de divindades em bronze por apresentarem uma ampla variedade iconográfica. Além disto, acreditava-se que um conhecimento substancial da religião egípcia era necessário para entender a arte egípcia. Grande parte das estatuetas votivas em bronze reproduzem aspectos recorrentes na grande estatuária divina, reproduzindo em metal as formas consagradas para coroas, cetros, tronos e bases. No entanto, alguns elementos se tornaram característicos nas imagens em bronze. Além das divindades, em alguns casos figuras humanas também podem ser representados juntas ou separadamente às divinas. Nesta comunicação serão apresentados os elementos iconográficos mais recorrentes nas representações divinas das estatuetas votivas em bronze.

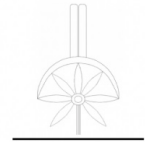
O modelo iconográfico da estatuária egípcia faraônica ajoelhada em posição de oferenda

Daniele Liberato - PPGARTES/UERJ

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como o modelo iconográfico da estatuária egípcia faraônica ajoelhada em posição de oferenda se caracteriza, considerando o aparecimento de determinados atributos para o uso desta imagem no Egito Antigo. Apresentando como ele se distingue nos dois principais períodos de concentração para o uso deste modelo: o Novo Império e o Período Tardio. Uma vez que esta pose sugere diferentes contextos para seu uso, demonstraremos como suas características se destacaram em cada período, ponderando seu uso em momentos tão distintos da história egípcia e argumentando como um modelo pode ser ressignificado em um contexto mais amplo pela produção de objetos de arte em uma civilização notoriamente marcada por aquilo que se apresentava como imutável.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

As concepções artísticas sobre o Egito e a Grécia na Roma Antiga: A recepção dos modelos helenísticos na Villa Adriana

Prof^ª Dr^ª Evelyne Azevedo - Instituto de Artes/ UERJ

Ao produzir um conjunto arquitetônico e escultórico específico para a Villa Adriana, o Imperador Adriano escolheu as características egípcias que ele queria representar. Não se tratava, portanto, de um modelo de alteridade, mas da criação de um novo modelo simbólico de Arte. Apropriado de um conjunto de elementos anteriores, recuperados por ele e ressignificados através de uma narrativa construída por esses elementos. A linguagem utilizada pelo Imperador, portanto, inseriu não só elementos compósitos da arte grega em sua extensão temporal, mas podemos dizer também geográfica quando se utilizou da arte greco-egípcia para elaborar os tipos escultóricos que compunham o programa iconográfico da Villa Adriana. Não estamos diante da incorporação de um objeto de outra cultura na sociedade, mas da criação de objetos novos que incorporaram aspectos

dessa outra cultura. Esta é a principal diferença entre a arte alexandrina e os objetos egípcios ou greco-egípcios levados para Roma e as esculturas da Villa Adriana que serão analisadas neste trabalho.

Uma Visão Crítica sobre as Leituras Tradicionais da Egiptologia acerca do Estado Faraônico

Fábio Frizzo – UFF

O tema do Estado faraônico está, direta ou indiretamente, presente na Egiptologia desde seus primórdios como disciplina. A centralidade desta temática desde o século XIX deve ser relacionada ao contexto histórico do surgimento da Egiptologia, marcado pela constituição das nações e suas rivalidades. Outro fator fundamental para a compreensão deste processo é a construção de um discurso orientalista. No caso específico da estrutura estatal faraônica, as análises passaram, desde



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

então, a se concentrarem no conceito de “monarquia divina”. Nesta comunicação, buscaremos demonstrar que tal concentração esteve fundamentada em três pilares: 1) uma base documental, ligada ao caráter das fontes faraônicas; 2) uma base historiográfico-egiptológica, advinda da tradição interpretativa das estruturas políticas orientais; 3) uma base teórica, em razão da pouca clareza acerca do conceito de “Estado” e sua identificação à forma de governo ou outras categorias.

A instrução egípcia como *topos* ideológico

Felipe Silva Carmo – USP

A “Literatura egípcia” representa um corpus de textos egípcios que evidencia características consideradas, atualmente, como “literárias”. Por serem formulações atuais, elas podem omitir particularidades do corpus. Similarmente, implicam-se nos textos egípcios características comuns à literatura do Antigo Oriente Médio; um exemplo disso é a classificação de alguns textos como “literatura sapiencial”, gênero literário associado aos estudos da Bíblia Hebraica, mas estranho aos egiptólogos. Assim, problematizando a classificação dos textos egípcios como gêneros literários, Antonio Loprieno sugere abordar as instruções egípcias como tópicos ideológicos, categorizando-as além das limitações de um gênero. Com efeito, este artigo pretende compreender alguns aspectos das instruções egípcias a partir da crítica temática, a fim de desenvolver o comentário de Loprieno, e evitar categorizações que restrinjam os textos a uma forma específica. Por fim, levanta-se a hipótese de que s3byt poderá ser lido como “tema” por representar o princípio fundador e estruturador do texto. Outra possibilidade seria a leitura de narrativas com temáticas didáticas, por assumir funções muito semelhantes ao “mito”.

Aspectos relativos à saúde e a mumificação no Antigo Egito apresentados em um curso de extensão universitária

José Antonio Novaes - UFPB/PPGE/NEABI

O presente trabalho objetiva retratar as atividades de extensão universitária realizadas pelo Neabi da UFPB, nos anos de 2013 e 2014, voltadas para a temática das relações étnico-raciais,



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

atendendo-se a Lei 10630/2003. Estas foram desenvolvidas no âmbito do Programa de promoção da igualdade racial e valorização da matriz cultural africana no estado da Paraíba/Nordeste/Brasil/PROAFRO. O público alvo era composto por professores/as da rede pública, ativistas do Movimento Social, bem como discentes da UFPB. As oficinas expuseram, por exemplo, a prática da medicina em África tendo-se como foco principal o Antigo Egito. Os papiros médicos, as escolas de formação, bem como diferentes aspectos voltados para o processo saúde doença foram apresentados. A técnica de mumificação, bem como as modificações que a mesma sofreu ao longo das diferentes dinastias também foram discutidas. Foi também demonstrada uma atividade prática a qual mimetiza a dessecção (fundamental para a mumificação) realizada pelo povo da esfinge. Esta, além contextualizar o tema, instrumentalizou as pessoas presentes a desenvolverem ações que operacionalizem a lei supracitada, a qual, em seu artigo primeiro tornou obrigatório o estudo das contribuições dos diferentes povos africanos, diaspóricos ou não.

Repatriação de bens culturais egípcios

Karine Lima da Costa – UFSC

A presente comunicação visa abordar parte do meu projeto de doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo analisar e problematizar a questão da repatriação de bens culturais egípcios a partir de reflexões no campo histórico e museológico, bem como a criação de imaginários sociais e representações acerca de sua cultura. Tal problemática suscitada foi fruto de uma inquietação que me acompanhou ao longo da graduação em Museologia e se enquadra nas discussões atuais que estão surgindo em torno do patrimônio cultural. Parte das antiguidades que estão sendo reclamadas pelo Egito possuem um amparo na legislação nacional e internacional, mas existem outros artefatos que não, pois as leis não são retroativas e muitos objetos foram levados do país num período anterior às suas publicações. Embora a questão da repatriação seja bastante atual e discutida, é também muito complexa, pois envolve uma série de questões como política e ética, ainda mais quando esses bens se encontram sob a guarda de instituições reconhecidas.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Território, espaço e poder no Egito Romano: o Médio Egito e as cidades de Antinoópolis e Hermópolis Magna

Prof^ª Dr^ª Marcia Severina Vasques - PPGH-UFRN/ SESHAT-UFRJ/LARP-USP

A fundação de Antinoópolis pelo imperador Adriano, em 130 d.C., acrescentou à província romana do Egito mais uma pólis às três já existentes anteriormente (Alexandria, Ptolemais e Náucratis). Juntamente com Hermópolis Magna, ambas as cidades foram importantes centros administrativos do Médio Egito, sendo um elo de ligação entre o Delta e o Alto Egito, além do Fayum, oásis com o qual tinham uma especial relação. O Médio Egito compunha o que denominamos chora, que no Egito refere-se ao território que compreendia todo o país com exceção da capital, Alexandria. As metrópoles, cidades mais importantes da chora, possuíam uma elite de origem grega que procurava participar das esferas do poder e mesmo ter acesso à cidadania romana. A formação da sociedade em ambas as cidades nos permite observar a adaptação de uma elite provincial, ela mesma heterogênea, aos moldes de vida romanos e notadamente gregos, sem, no entanto, deixar de lado o comportamento nativo, o que pode ser evidenciado, por exemplo, nas necrópoles e na cultura material funerária. Pensando nesta relação entre a elite local e a administração provincial propomos abordar a questão dos emaranhamentos (culturais e materiais) entre as culturas envolvidas analisando alguns exemplos dados pela cultura material encontrada na região.

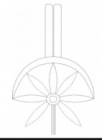
O pretenso “monoteísmo” atoniano: os meandros da religião instituída pelo faraó Akhenaton em uma análise historiográfica e de contexto para o Egito faraônico da XVIII dinastia

Marcio Luiz Ramos D’Albuquerque - Universidade Salgado de Oliveira

O presente trabalho remete a uma discussão que vem sendo recorrente no âmbito da Egiptologia e que diz respeito à identificação do que consideramos um pretenso monoteísmo na religião instituída pelo faraó Akhenaton durante o seu período de reinado ao final da XVIII dinastia egípcia. A partir do final do século XIX, quando começaram a emergir mais informações sobre aquele faraó a partir da exploração do sítio arqueológico de Tel El-Amarna, no Médio Egito, a



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

historiografia que foi sendo produzida sempre considerou que o chamado “período amarniano” (o período no qual Akhenaton transferiu a capital egípcia para uma localidade que ele denominou Akhetaton - o horizonte de Aton - hoje rebatizada como Tel El-Amarna), influenciou uma mentalidade monoteísta no Oriente Próximo. A partir do que pudemos realizar como uma incursão inicial sobre o tema, tomamos contato com algumas evidências que nos fizeram pensar na religião atoniana, não como algo acabado, independente, mas, sim, como uma tentativa de retorno a conceitos e visões mais tradicionais do Egito faraônico, mesmo que usando uma roupagem diferente, em um verdadeiro processo “substitutivo” da religião para serem atingidos objetivos políticos bem específicos para o final da XVIII dinastia.

Acerca de la *Htmj.t* como espacio caótico en el “orden” de la Duat

Prof^o Dr^o Mariano Bonanno - Universidad Nacional de la Plata - Instituto de Historia Antigua Oriental Abraham Rosenvasser (Universidad de Buenos Aires)

El presente artículo intenta revisar algunos de los conceptos en torno a las relaciones e interacciones que entre el caos y el orden se producían en el ámbito funerario. Los principales postulados acerca de esta problemática son puestos en consideración, en tanto que creemos que no pueden presentarse en forma taxativa los ámbitos de influencia de ambas realidades.

El espacio-objeto de este estudio, la *Htmj.t* o espacio de aniquilación en el que los condenados eran sometidos no solamente a castigos de índole más o menos provisoria, sino también a castigos que acababan con la aniquilación absoluta, formando así parte de los *n tm wnn.sn* o *nn wn*, los (no-existentes), propone que, contrariamente a lo que habitualmente se supone (Hornung, Barta), este espacio -*Htmj.t*- forma parte de la Duat. Ésta, en tanto creación de Re, razón por la cual es parte del mundo ordenado, incluye en su interior, en su parte más profunda, un espacio destinado a la aniquilación de condenados -*Htmjt*- sujeta a una categoría especial, alejada del disco y sus objetivaciones, que bien podría suponer una locación caótica.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

El nacimiento del sol: elevación y recepción

Silvana Catania - Universidad Nacional de Tucumán

La creciente solarización de la religión durante el Reino Nuevo se expresó en gran medida en la concepción del viaje solar. En el marco de las dos fases (diurna y nocturna) que comprende el mencionado viaje, la presente comunicación analiza las imágenes que evocan la fase diurna en las tumbas tebanas privadas a comienzos de la dinastía XIX.

La evidencia documental seleccionada, asociada fundamentalmente al nacimiento del dios sol con el cual el difunto se identifica, es abordada a partir de los componentes que forman las imágenes y las acciones de elevar y recibir al sol así como su localización en los diferentes espacios de las tumbas. Un análisis comparativo de las diferentes tumbas nos permite plantear que el afianzamiento progresivo de la presencia del renacimiento del sol como misterio constituye uno de los cambios religiosos más significativos del período en el ámbito de las tumbas privadas.

Sexta-feira – 04/12/2015

Do âmbito solar até o mundo dos mortos: O colar shebyu e a solarização do mundo dos mortos na reforma de Amarna.

André Luís Silva Effgen – Seshat- Museu Nacional/UFRJ

O colar shebyu, ícone emblemático nas representações de recompensas nas tumbas privadas de Akhetaton, marca definitivamente o pouco que se conhece das concepções de post-mortem pertencentes a aquele setor da sociedade egípcia com o advento da reforma religiosa empreendida pelo faraó Akhenaton. Pretendemos com este trabalho traçar um histórico da iconografia do colar durante a XVIII dinastia até o ápice da sua representação, sob o período amarniano, entendendo os processos da "Nova teologia solar" egípcia em concomitância com a busca pela divinização dos faraós e a solarização dos mesmos em suas representações que culminam em uma possível nova concepção do mundo dos mortos, ressignificando toda a uma dimensão compreendida da realidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Seshat
Laboratório de Egiptologia

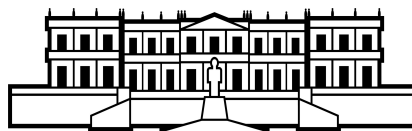
A imagem agente, o deus e faraó em Amarna

Carolina Velloza - USP

Sabe-se que o período Amarnino (Antigo Egito, 1353 a.C. - 1335 a.C.)¹ é um momento histórico marcado por transformações significativas na sociedade egípcia, seja pelas novas técnicas arquitetônicas acompanhadas da mudança da capital dinástica, seja pelo culto renovado ao deus Aton, princípio divino exclusivo e criador de um mundo onde tudo funcionava harmoniosamente. Amarna redefine desde as balizas da convivência social mais simples até a mais complexa, situada na relação entre o deus e o faraó. Esse processo não se esgota em uma simples abstração mental, como poderíamos pensar de início, ao contrário, ele se textualiza, sobretudo nos dois hinos ao Aton e se materializa fortemente nas imagens. A iconografia de Amarna, segundo a hipótese trabalhada, teria importância especial, a medida que consolida todas as esferas da relação entre o deus e o faraó e, desse modo, possibilita a implantação de um novo projeto de realidade, um ideário que toma conta de todo o mundo que Amarna toca. Tal imaginário, ao mesmo tempo em que torna a religião mais acessível, redefine a relação do faraó com o mundo sagrado e com o humano, definindo um novo tipo de poder faraônico.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



MUSEU NACIONAL
UFRJ



Seshat
Laboratório de Egiptologia

ÍNDICE

André Luís Silva Effgen	30
Antonio Brancaglioni Jr	7; 12
Carolina Vellozo	31
Cintia Gama-Rolland	17
Cintia Prates Facuri	24
Claude Traunecker	9
Claudia Rodrigues-Carvalho	21
Daniele Liberato	24
Elisa Neira Cordero	12
Evelyn Azevedo	25
Fábio Frizzo	25
Felipe Silva Carmo	26
Gabirela Lovecky	12
Gisela Chapot	18
José Antonio Novaes	26
Julián Alejo Sánchez	18
Karine Lima da Costa	27
Laure Pantalacci	10; 14
Liliana M. Manzi	13; 19
Lorena Mendonça Aleixo Baltazar	13
Luisa Faria	22
Luiza Osorio Guimarães da Silva	12
Marcia Severina Vasques	28
Marcio Luiz Ramos D'Albuquerque	28
Maria Laura Iamarino	12
Maria Thereza David João	20
Maria Victoria Nicora	13
Maria Violeta Carniel	12
María Violeta Pereyra	12; 15; 21
Marialaura di Giovanni	12
Mariano Bonanno	29
Marlon Barcelos Ferreira	12
Miguel Attie Filho	11
Nely Feitoza Arrais	16
Oliva Menozzi	13
Patricia Cardoso Azoubel Zulli	16
Pedro Luiz Diniz von Seehausen	13
Raphael da Silva Simeão Lellis	13
Raquel Paula Maia Alves	13
Rennan de Souza Lemos	13
Silvana Catania	30



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



MUSEU NACIONAL
UFRJ



Seshat
Laboratório de Egiptologia

Silvia Reis	22
Thais Rocha da Silva	17
Victor Bittar	23
Victoria Arroyo	13